



A LIÇÃO

Matthew Maxwell



The hydralisk's tongue was smooth and slippery as it ran across her hand. Countless muscles rippled and slid in a wave, working as one. *Just like the Swarm*, Dr. Loew thought. *Countless creatures bound by a single will, turned into a single organism.*

The tip wrapped around the chunk of meat held loosely between her pale fingers.

"Steady," she said calmly, in control.

The tongue pulled like a fish caught on a line.

The hydralisk chuffed through the spiracles on his cheeks. He tugged again.

The observation gallery couldn't have been more bored. The pack of scientists and ministers was distracted, thinking of something, anything, other than the spectacle before them. Instead of being in awe at Dr. Loew playing tug of war with a monster, they were making laundry lists of complaints to be voiced later.

"The hydralisk," she recited, "was forcibly evolved by the zerg Overmind from the slothien, according to protoss records we have obtained. Slothien are more commonly known as 'caterpillar cows' and little resemble their fearsome descendants." Discussing this much was safe among scientists and government officials; the public knew only that anything alien was to be feared and reported to Dominion authorities.

"Stay," she commanded.

Na mão, a língua da hidralisca parecia mole e gosmenta. Inúmeros músculos se contorciam e retesavam para formar ondas, em consonância como se fossem um só. *Exatamente como o Enxame*, pensou a Dra. Loew. *Incontáveis criaturas unidas pelo mesmo objetivo, transformadas num só organismo.*

A ponta se enrolou no pedaço de carne que ela segurava entre os dedos.

— Calma — disse tranquilamente, sem perder o controle.

A língua puxava como um peixe fígado.

A hidralisca bufou pelos espiráculos nas faces e puxou outra vez.

Na tribuna de observação, o tédio reinava absoluto. Todos os cientistas e ministros presentes estavam distraídos, pensando em alguma coisa — qualquer coisa — que não o espetáculo que tinham diante de si. Em vez de consternados com o cabo de guerra entre a Dra. Loew e o monstro, faziam listas de reclamações para mais tarde.

— A hidralisca — recitou ela — foi forçada a evoluir pela Supermente zerg a partir dos slothianos, de acordo com os registros protoss que obtivemos. Os slothianos são mais conhecidos como "vacas-lagartas" e guardam poucas semelhanças com seus descendentes medonhos. — Discutir isso entre cientistas e oficiais do governo era seguro, mas, para o público, qualquer coisa alienígena deveria ser temida e relatada imediatamente às autoridades da Supremacia.

— Quieta — ordenou.

Loew fitou o olho vermelho da criatura, resoluta. A coisa era imensa, chegando quase ao dobro de sua altura. Ela só usava a voz para manter o controle da situação. Até mesmo os colares psi, usados no início do treinamento, tinham sido abandonados.

Imprimindo um tom de urgência à voz, ela tentava combater o desinteresse crescente da audiência: — Armada com lâminas falciformes em seus membros anteriores e protegida por placas posicionadas de forma a fornecer uma blindagem, a hidralisca é uma excelente combatente de curta distância.

— Volta — ordenou, usando o diafragma para conferir força à voz.

A língua cedeu e deslizou de volta. O monstro jogou o peso do corpo para trás. A hidralisca, mais que qualquer outra criatura, era um símbolo do poder do Enxame zerg, conhecida e temida até mesmo por quem jamais se deparara com uma ao vivo e a cores. Talvez as únicas exceções fossem esses espectadores, que preferiam não estar ali

— A hidralisca também oferece perigo a distância — prosseguiu. — Ela pode atirar espinhos orgânicos a velocidades sônicas, penetrando blindagem de novoço a meio quilômetro de distância. — Não que algum civil fosse querer chegar tão perto, muito menos ao alcance do toque.

Desviou o olhar da audiência e voltou-se para a hidralisca outra vez: — Calma.

Com a criatura ainda sob o controle de sua voz, ela sorriu e encerrou a aula: —
Somente soldados treinados têm capacidade de se aproximar com segurança das
hidraliscas, de preferência com o apoio de armamento pesado.

A professora se deteve e sorriu para a criatura:

— Bom garoto. Bom garoto, Dennis. Muito bem.

Ela odiava ser ríspida com ele, mas era como tinha que ser. Mesmo domado, ele era
perigoso, dado o seu tamanho.

Dennis comeu a carne lentamente. Os dentes roçaram a pele da Dra. Loew,
lembrando-a de que ainda estavam lá, afiados.

Um instante depois, Dennis estava relaxado e imóvel, deitado sobre uma imensa
mesa de aço no centro da sala de observação. Recentemente, os interesses da Supremacia
deixaram o controle sobre os zergs em segundo plano e voltaram-se para ações mais
imediatas, como a supressão e o extermínio de ninhos residuais. A frequência esparsa
sugeriu que seu trabalho era coisa do passado, a despeito de quão impressionante tinha
sido a apresentação feita havia pouco.

— Como vocês viram, esta hidralisca completamente desenvolvida foi pacificada
sem o uso de drogas, que requerem administrações constantes e um controle de dosagem
preciso.

A criatura permaneceu imóvel enquanto dedos cirúrgicos abriam as placas de metal em seu crânio. Como uma aranha, uma câmera se aproximou e focou na abertura de acesso.

— Em seus visores, vocês podem acompanhar uma estrutura orgânica desenvolvida a partir da massa encefálica da cobaia, o lobo terciário.

Uma tosse seca foi a única resposta. Alguém acendeu um charuto.

— A função deste lobo é dupla...

— Este... lobo — interrompeu uma voz gélida da penumbra da sala —, é preciso operar cada zerg para implantá-lo?

A luz azul do console remoto iluminava apenas um rosto, quadrado e flácido, velho e rechonchudo, acostumado demais a ter sempre o que queria. A ponta do seu charuto emitia um brilho laranja.

— Perdão? — A testa de Lowe franziu-se numa expressão que misturava raiva e espanto.

— Você tem que sedar cada um dos sebosos que quer controlar? Se for o caso, estou desperdiçando o tempo do imperador.

— Isso.... Isso seria impossível — retorquiu ela. — Há inúmeros zergs por aí e...

— Então como funciona? — O homem não estava nervoso; agia como se o trabalho dela não merecesse nem a sua raiva.

— Nós usamos um OPP, organismo priônico patogênico. O OPP infecta a hidralisca e engana o código genético, que desenvolve um novo lobo cerebral. Esse lobo permite que meu sistema a controle de fora. Tudo isso está no...

— Besteira — desdenhou o homem. — Pura besteira. Isso é um devaneio infantil que a CTU tentou levar a cabo com o Projeto "Divisa Negra". Quase matou todo mundo. Talvez você estivesse ocupada demais com os livros para perceber.

— Não é besteira. A Divisa Negra foi uma bagunça.

A jovem se irritou e atirou o console remoto na mesa de aço: — A CTU tentou forçar um esquema de controle de cima para baixo em organismos que evoluíram durante milhões de anos para responder a controladores de colmeia. Este problema exige uma abordagem completamente diferente.

— Eu propus uma solução de baixo para cima, que é atingir os desgraçados bem onde são mais vulneráveis: em nível individual.

A irritação impedia que ela fosse polida: — Vou explicar do jeito mais simples, para que você entenda.

Em resposta, apenas o brilho alaranjado do charuto.

Os dedos da cientista dançaram no console e o monstro rolou da mesa, não sacudindo desajeitadamente, mas deslizando com suavidade e fluidez, gracioso e repulsivo ao mesmo tempo.

— Ele não ouve o que a rainha diz. Ouve o que *eu* digo!

Dennis coleou para perto da Dra. Loew; perto dela, parecia gigantesco. Esperou de braços recolhidos, em posição de ataque.

As pessoas na sala se alarmaram com a exibição, um clamor de sombras. O homem que fizera as perguntas permaneceu imóvel, aspirando mais fumaça.

Ela apagou um código de comando no console.

Dennis enrijeceu-se, esticou os braços e recolheu-os de volta; estava pronto para saltar.

— Dra. Loew, nós podemos perfeitamente...

— Guardem suas perguntas! — vociferou ela.

O movimento foi rápido demais para qualquer olho acompanhar. A pele escura e brilhosa estremeceu quase imperceptivelmente, e Dennis saltou do chão para a janela de observação do outro lado da sala.

A criatura se chocou contra a janela com a força de um caminhão. As lâminas falciformes arranhavam a barreira freneticamente. Dennis, então, se afastou e investiu de novo contra o vidro, rachando-o.

Houve gritos da audiência. Nada de perguntas, nem reprimendas. Somente gritos. Talvez agora entendessem o grau de controle que ela tinha.

— Acertem o alvo — disse o questionador, aparentemente para ninguém.

Botas metálicas se chocaram contra o piso atrás dela. Quatro fuzileiros irromperam no auditório, sacando as armas no instante em que a porta veio ao chão. Dennis estaria morto antes de se virar para eles.

— Não! — guinchou Loew, abandonado todo o pretense controle. — Vocês vão destruir anos de pesquisa! — gritou o mais alto que pôde, mas sem entrar na linha de fogo.

— Cancelar — disse a voz.

Ela meneou a cabeça em silêncio enquanto dava um comando.

Recolhendo os braços, Dennis saltou para trás e caiu como um monte de carne contra o piso. Em seguida, a criatura rolou para perto da Dra. Loew, onde permaneceu relaxada.

Um farfalhar se fez ouvir logo acima, calças e casacos roçando agoniadamente uns contra os outros. Uma porta de saída bateu.

— Bem na hora, homens — disse ele.

Os fuzileiros não baixaram as armas.

Exaurida, a Dra. Loew tentava disfarçar o arquejo e recuperar uma aparência de compostura. O controle da demonstração retornara às suas mãos à custa de seu autocontrole.

— Ele não teria ferido vocês — sugeriu. — Era uma demonstração. Vejam.

A doutora puxou do jaleco uma sonda cirúrgica e mirou no buraco aberto na cabeça de Dennis.

— Eu poderia transformar o cérebro dele em gelatina, e ele nem saberia. — A doutora ficou parada, quase tocando o cérebro exposto com a sonda.

Ela afastou o instrumento e deu as costas para a criatura. Outro toque no console e Dennis esmoreceu, totalmente drenado de energia e ímpeto, exaurido.

— Ele não é mais uma ameaça para nós, a menos que receba ordens para ser.

A brasa do charuto tremeluzia e se movia na penumbra: — Já vi o suficiente. Leve seu bichinho e dê aos meus assistentes a oportunidade de se trocarem. — O homem sugou o charuto, acendendo-o novamente. — Então, nós conversaremos.

Seu nome era Garr, e ele estava vestido como um militar. Loew não sabia dizer se ele realmente o era ou se apenas usava a farda, como a maioria dos ministros e conselheiros que conhecera.

Quando a adrenalina da apresentação passou, ela se sentiu pequena, bastante constrangida com o show que dera. Em poucos instantes, fora de oprimida a desdenhosa e depois voltara a uma posição inferior, praticamente implorando pela vida de Dennis.

Foi ela quem rompeu o silêncio: — Até agora temos conseguido domar hidraliscas. O OPP parece especialmente adequado para adaptar-se à espécie básica da hidralisca.

— Então vocês preferem a hidralisca por ser mais fácil de domesticar?

— É prático.

— Não tem nada a ver com elas serem altamente versáteis e fundamentais para os zergs?

O silêncio e a expressão dela deixavam claro que aquilo não havia nem passado pela sua cabeça.

Garr suspirou. — Vocês podem fazer mais, certo?

— Sim, todas que capturarmos e infectarmos. Os próprios zergs domados podem transmitir o elemento patogênico aos novos recrutas.

Garr soprou fumaça pelo canto da boca.

— E planos de contingência? E se elas não seguirem suas ordens?

— Impossível com uma infecção bem-sucedida com o OPP — disse ela, com um aceno insolente.

— Você parece incrivelmente confiante.

— O sistema possui diversas garantias. Integridade de sinal constante e regulação de retroalimentação. Além disso, há um mecanismo à prova de falhas chamado Somnus. Quando ativado, o lobo parasita no cérebro libera uma enxurrada de sinais neurais irreconciliáveis, resultando em morte depois de só alguns segundos.

Garr refletiu, observando o zerg marchar em formação militar numa das telas do escritório.

— Você vai precisar de instalações maiores — disse. — E mais recursos.

— É um programa piloto bem-sucedido, e no momento certo...

— Tolice — interrompeu displicentemente. — Harris, como está nossa janela? Sua Majestade Imperial está disponível?

Postado junto à porta, o assistente entrou em estado de atenção num segundo. — Concederam um minuto de teleaudiência para nós.

— Muito bem. — Garr se virou para a Dra. Loew e apontou-lhe o dedo. — O Imperador Arcturus Mengsk está prestes a falar com você — disse, como se a assembleia fosse com o próprio Criador. — Você não se dirigirá a ele, a menos que ele se dirija a você. Você responderá todas as perguntas direta e sucintamente. *Não* desperdice o tempo dele.

Loew estremeceu. Em sua cabeça, talvez um ministro de ciências suplente fosse lhe dar atenção, e só. Não conseguia falar.

— Acalme-se, Dra. Loew — disse Garr, de maneira tão perfunctória que as palavras perderam o sentido. — O imperador só pune quem fracassa.

A insígnia carmesim da Supremacia surgiu na tela com as palavras TRANSMISSÃO SEGURA abaixo em letras garrafais.

Garr fitou o selo com deferência.

Loew por pouco não começou a arfar quando o rosto emoldurado pela barba apareceu. Ela o vira milhares de vezes em cédulas e holoquadros pelas ruas, a cada transmissão da Supremacia, mas nunca assim: concentrado, mas relaxado; no comando, mas não dando ordens.

— Coronel Garr — disse o imperador, no mesmo tom abrupto e impaciente com que o coronel se dirigira a ela. — Conte-me sobre este "Projeto Doma".

— Fui convencido de sua viabilidade, Vossa Majestade Imperial, tanto para aplicações internas quanto externas. — Garr respondeu de maneira contida, confiante mas não expansiva.

— Hum. — Mengsk aparentemente fitava algo fora da tela. — Controle total. E subtrairá as forças primárias dela. — Ele sorriu, exibindo dentes não tão brancos quanto a Dra. Loew esperava. Seus olhos se fixaram nela, como se pudesse ler pensamentos.

— Dra. Sandra Loew — iniciou o imperador.

— Sim?

Garr cutucou discretamente o sapato dela com a sola da bota.

— Sim, Vossa Majestade Imperial? — corrigiu ela.

— Estamos impressionados com o potencial do seu trabalho. — disse Mengsk com uma expressão diligente, e em seguida devotou-lhe totalmente sua atenção. — Diga-me: o Projeto Doma pode remover a Rainha das Lâminas da condição de ameaça externa?

A Dra. Loew hesitou. Ele sequer mencionara o Enxame, apenas Kerrigan. Era assustador. Claro que ela já havia pensado sobre ninhos, até colmeias, mas a rainha?

Mas afinal, por que não? Bastaria decifrar o código e criar vetores do OPP para as outras espécies. Era só questão de tempo. O resto do Enxame cairia logo em seguida.

— Vossa Majestade Imperial, se meu sistema for efetivado adequadamente, não haverá mais um Enxame zerg, e sim um Enxame controlado pela Supremacia.

Mengsk sorriu friamente: — Remova a cabeça do corpo, e eu ficarei satisfeito. — Na voz, uma ferida ainda aberta transparecia, frágil e crua.

Seus olhos acinzentados penetraram profundamente os dela.

— Você acaba de ganhar meu apoio. Não estrague tudo — advertiu. Virando-se abruptamente para Garr, prosseguiu: — Coronel Garr, primeiro resultados, ponderações depois.

— Como Vossa Majestade Imperial quiser. — A voz de Garr era confortante e aveludada.

Mengsk desviou o olhar por um instante e a transmissão foi rapidamente interrompida.

— Muito bem — disse Garr com as costas eretas —, exceto pela etiqueta sofrível.

— Então, o que acontece agora? — perguntou a Dra. Loew, confusa. — Quando começamos?

Garr soltou uma risada: — Dez minutos atrás. Requisições já foram expedidas, baseadas em audições já correntes no seu programa. Você receberá total apoio da Supremacia. Algo que nem todo xenobiólogo tem a chance de experimentar.

A Dra. Loew encheu-se de orgulho. Atingira seu objetivo. Seu trabalho salvaria vidas, e ela não teria mais que impressionar ministros e conselheiros.

— Só dez minutos atrás? — Questionou ela, com uma petulância que não lhe caía bem.

— Enfim a postura certa — disse Garr.

O controle remoto de Loew emitiu um toque que ela jamais ouvira. Ela teria achado lindo, não fosse pela estridência.

Ela arregalou os olhos espantada quando leu a mensagem.

— O que...? — boquejou, sentindo o orgulho desaparecer.

Garr se preparava para sair, dando uma última olhada nas telas.

— O que é isso? — questionou ela. — Os testes com interação humana começam amanhã?!

Garr sorriu timidamente em resposta: — Desculpe por não termos trazido voluntários ainda. Isso é um problema, ó grande domadora da hidralisca?

Loew balançou a cabeça em silêncio.

O coronel travou os fechos da pasta e saiu do escritório. A Dra. Loew o acompanhou, mais por reflexo do que por qualquer outro motivo. De qualquer maneira, era hora de cuidar da alimentação de Dennis.

— E, Harris, providencie também o envio dos arquivos de Thys para mim. Talvez nós possamos finalmente fazer aqueles traidores se mexerem.

Garr e seu assistente já estavam adiante, confiantes de que seu trabalho ali estava terminado. Os sapatos batiam ruidosamente, os passos ecoando pelos ladrilhos desgastados e pelas paredes frias.

Quando chegou à jaula da hidralisca, ela estava quase se convencendo de que ainda estava tudo sob controle.

Dennis deslizou no instante em que ouviu o som da porta da jaula se abrindo e emitiu um ruído baixo, algo entre um ronco e um ronronado. O som ecoou nas paredes vazias.

Observando com um ar de expectativa, a hidralisca fez outro som, desta vez mais inquisitivo — era a primeira vez no dia que alguém dirigia a ela um "por favor".

O console chilreou outra vez. Curiosa, ela o ergueu. Vários pulsos azuis incandescentes percorriam a tela, monitorando a atividade mental do zerg cativo e domado. Havia um surto de atividade, um pico que o hardware e os filtros não eram suficientes para registrar.

Loew estendeu o braço: — Quietos, Dennis.

A hidralisca observava com atenção, enquanto ela esquadrihava a tela. Loew requisitou um breve diagnóstico do sistema de monitoramento: os lobos OPP estavam todos ativos e funcionando perfeitamente.

Dennis permaneceu sentado e imóvel pelos próximos dez minutos, enquanto ela consultava os logs da alimentação da última semana. Nada como aquele pico. Loew teria que pressionar Bayma e o resto da equipe de sinais para ter certeza de que era um erro de

transcrição, e não algo originado dos lobos. Os processos de monitoramento precisavam de mais largura de banda, mas, com o imperador pagando a conta, aquilo não seria problema.

— Certo. Hora do jantar — disse ela, arrastando o último comando, confiante de que a anomalia não era nada que precisasse de atenção imediata. Além disso, tinha outras coisas a fazer.

Ela inseriu um código no painel montado na parede e uma porta deslizou, para revelar uma escudela transbordante de carne picada embebida em gordura. Pôs a vasilha no chão à distância de um braço de onde estava.

— Espere — disse com firmeza.

A hidralisca se abaixou e manteve os olhos fixos num ponto entre ela e a comida, onde poderia monitorar ambos. Ele tremia ligeiramente, na iminência de saltar mas se contendo.

— Bom garoto! — disse ela, com mais entusiasmo que o necessário.

Dennis se lançou sobre a tigela de metal, friccionando-a contra o chão enquanto comia resolutamente, sem pressa. Os dentes estalavam, sobrepondo-se ao som da trituração do alimento.

Pelo menos aquele era um relacionamento simples, direto. Dennis podia não sentir afeto por ela, mas sabia quem mandava. Se todo o resto pudesse ser assim... Dennis havia

superado todas as expectativas. Todas, menos as dela. Sabia muito bem como ele se sairia. Sabia que era capaz. Em verdade, era justamente o que tinha feito.

Daria tudo certo.

O metal parou de se arrastar contra o chão e Dennis encarou a escudela. Cutucou com a mandíbula e a ouviu tilintar, vazia. Agachado, ele observou a Dra. Loew com olhos vermelhos e brilhantes.

Ela devolveu o olhar e sorriu: — Ah, seu fominha. — Deu-lhe alguns tapinhas de leve na cabeça. — Não, já chega.

Dennis choramingou uma vez.

— Não. Chega. — Ela continuava a sorrir.

Dennis piscou as pálpebras, capazes de desviar balas à queima-roupa.

— Tá, tá, só mais *um*. Você se saiu muito bem hoje.

Quando ela se virou para reabastecer o recipiente, a hidralisca acompanhou seus movimentos com o olhar.

— Mas só porque eu quero. Você sabe quem manda aqui.

Enquanto ela esperava, Dennis deleitava-se com a segunda rodada.

Loew apressou-se para receber o veículo que se aproximava. Três semanas depois do início do programa, Garr lhe fazia uma visita surpresa.

Ao cruzar o pátio, ela observou os campos de treinamento. Um pelotão de soldados chamado "Lobos Perdidos" esperava de pé enquanto os Domados, com Dennis à frente, liberavam uma instalação de mineração falsa. *Os zergs não ocupam construções*, pensou.

Ao desembarcar, Garr fulgurou em sua farda impecável sob a luz do sol: — Só quero dizer que o senado, o Comando e até o imperador estão animadíssimos com seu progresso. Você merece todas as congratulações, Doutora. — O coronel estendeu a mão cheio de expectativas, a primeira vez desde que se conheceram.

Ela aceitou o cumprimento e achou a mão de Garr fria e um pouco úmida, como se ele a tivesse secado um segundo antes de sair do veículo.

Enquanto recolhia a mão e a enfiava no bolso, a expressão do homem tornou-se indolente: — Excelente. Agora que nos livramos das amenidades, precisamos discutir a situação do programa.

— Que situação? — perguntou ela. — Você acabou de dizer que...

— Isso foi hoje de manhã. Precisamos discutir o *agora*. Resultados em campo, por exemplo.

— Podemos discutir isso logo depois de falarmos sobre minhas hidras receberem treinamento de táticas urbanas.

— Sua visão é limitada. Precisamos nos planejar para todas as eventualidades. Aliás, já temos um local de testes mais que conveniente.

Ela se sentiu como se algo estivesse sendo arrancado de suas mãos: — Eu não sou a encarregada do programa?

— O programa da *Supremacia* — corrigiu Garr, habilmente. — Thys é uma colônia de mineração de vespeno distante, e reportou recentemente uma força zerg fora de controle avançando na direção da refinaria principal. A inteligência sugere que os colonos vão cair logo, logo. Queremos nossas forças em solo em trinta e seis horas para impedir isso.

— Você quer meus Domados em campo em um dia em meio? Contra outros zergs?

— *Quero não. Vou ter. Você será observada diretamente pelos mais importantes membros do Departamento Especial de Operações de Pesquisa em Xenobiologia, bem como pelo braço militar do departamento.*

Loew quis dizer-lhe que era impossível, mas não encontrava as palavras. Não havia opção.

Notando a ausência de protestos, ele sorriu: — Anime-se. Essa será uma operação de limpeza, com uma possibilidade remota de combate prolongado.

— Combate prolongado?

— Os responsáveis pela mina são... gente difícil. Mal-humorados. Uma ralé, na verdade.

Aplicações internas, pensou ela.

— Mas eles são humanos — disse.

— Se ajuda, pense neles como traidores, Dra. Loew. Você sabe como a Supremacia pune traidores.

O rosto da Dra. Loew ficou lívido. — Mas a base do programa é a proteção de humanos contra os zergs! É...

— A base do programa é o *redirecionamento* dos zergs para os alvos de nossa escolha. — Garr perdeu qualquer traço de afabilidade, tornando-se frio e insensível num piscar de olhos. — Se os colonos de Thys se voltarem para nós depois que os salvamos dos zergs, eles serão o próximo teste.

— Se usar os Domados em humanos, eu serei responsável por todas as mortes que causarem. — A Dra. Loew cerrou os punhos com tanta força que mal podia senti-los. — Minhas cobaias...

— Suas cobaias são *armas*. Poupe-me da ingenuidade.

A raiva ameaçava consumi-la. Antes, ela agarrou-se à última coisa que tinha: seu sucesso, seu gênio. Talvez o controle estivesse escorrendo por entre seus dedos, mas não desistiria tão facilmente.

— Muito bem, coronel Garr — respondeu ela com uma voz monótona, sem resistir ou se enervar. Não era a hora.

— Faça mais do que falar, ou arranjaremos um gerente de projeto capaz de entregar o que pedimos.

A Dra. Loew assentiu, sentindo as próprias unhas perfurando a palma da mão esquerda.

— Excelente. Agora vamos dar aos nossos inimigos uma coisa a temer. — O coronel acendeu um novo charuto com um isqueiro antigo, tragou e expirou a fumaça azulada.

Sobre Thys, relâmpagos esbranquiçados rasgavam as nuvens que se dependuravam do céu feito crostas. Entre as nuvens, o céu era rubro e rosado. O ar recendia a ossos. Torres de metal sopravam gases residuais que produziam uma chama amarela, iluminando as costas de centenas de zergs inimigos que avançavam rumo aos portões da refinaria.

A voz do sargento estalou no comunicador: — Espectros trabalharão na interdição da área. Nós entramos em seguida, enquanto ainda está quente.

— QUEM É QUE ESTÁ PRONTO PRA BOTAR PRA QUEBRAR?!

— LOBOS PERDIDOS PRONTOS PRA BOTAR PRA QUEBRAR! — responderam os homens em unísono.

Dennis e a ninhada de hidraliscas sibilaram ruidosamente em resposta. As faixas recém-pintadas em suas cabeças refletiam as luzes interiores do veículo, um alaranjado pálido.

A velocidade do transporte diminuiu e a escotilha de implantação deslizou, permitindo a entrada do cheiro de cemitério da atmosfera de Thys.

— VAI VAI VAI VAI VAI VAI! — berrou alguém.

Os humanos saíram correndo com os Domados logo atrás, coleando quase em silêncio. Loew acompanhava, forçando-se a ficar calma enquanto monitorava a telemetria de seus zergs e coordenava os movimentos maiores.

Espectros da Supremacia surgiram do nada e abriram fogo, iluminando as linhas zergs inimigas. Lanças vermelhas incandescentes arderam na direção da massa de criaturas, deixando em seu rastro carapaças murchas e calcinadas.

As naves e as equipes de solo conseguiram abrir um X irregular no meio da turba de zergs em frente aos portões dos colonos. O exército zerg se viu obrigado a dividir suas forças entre os Espectros e as tropas da Supremacia que se aproximavam.

Morcegos de Fogo estabeleceram um perímetro com plasma flamejante e corpos oscilantes. As hidraliscas domadas seguiram pelo chão ainda quente, cortando, rasgando, destruindo. Despedaçando tudo que pudesse atirar de volta, neutralizando as defesas de longa distância. Por um instante, o inimigo pareceu nem perceber a presença de hidraliscas que não estavam sob controle zerg. Era como se os Domados nem estivessem lá.

Estranho, pensou Loew. Ela não esperava por isso.

Dennis e seu bando se viraram para o céu aparentemente vazio. Voando entre as nuvens turvas, inúmeras silhuetas iniciaram um movimento descendente. Uma onda de mutaliscas investiu em alta velocidade. Os Domados emitiram um grito estridente, mais alto que os tiros e o caos.

— Lá em cima! Lá em cima! — gritou Loew.

Os Domados atiraram espinhos quando as mutaliscas se aproximaram o bastante. Os zergs selvagens responderam com uma saraivada de peste morfética. A cena se transformou em uma sequência estroboscópica de imagens iluminadas pelo fogo automático, mutaliscas rasgadas tombando, sangue jorrando por entre placas fraturadas.

— Espectros! Aliados embaixo! Só no ar! — berrou Loew ao comunicador.

Com os jatos assoviando, os Espectros interromperam o ataque e se inclinaram abruptamente para se concentrarem nas mutaliscas, aliviando a pressão sobre a frente

terrestre. Com alguma sorte, conseguiriam atravessar as tropas inimigas e separar ainda mais as duas massas de zergs.

A peste morfética continuava a castigar a ofensiva da Supremacia. Os zergs não atacavam alvos individuais, cerceando os inimigos enquanto ondeavam para trás para reivindicar terreno. Vários dos Domados foram atingidos e soltavam fluidos, disparando até caírem como massas disformes. Loew prendeu a respiração quando cogitou que Dennis poderia estar entre eles. Ela sabia o que lhes fora pedido, mas saber não era como viver na carne.

— Loew! Status da tropa! — bradou o sargento.

Loew verificou os dados. Muitos mortos. — Muitos sinais perdidos! Talvez haja metade da força, talvez menos!

— Soldados recebem ordens para morrer — respondeu ele. — Tudo que estiver vivo deve rumar para o perímetro oeste para evitar que os zergs inimigos restabeleçam a formação!

Ela queria que o ataque acabasse, mas não havia como saber o que guardavam as reservas zergs. Experimentos podiam ser mensurados em instantes, mas batalhas podiam se arrastar indefinidamente. Os Domados jamais hesitavam, lutando com resolução e ferocidade tais que empalideciam até mesmo as de seus irmãos selvagens.

O singular dia de Thys raiou, um cor-de-rosa fraco e lívido que se derramava sobre tudo. Incontáveis corpos macerados, a maioria de zergs, alguns humanos, estavam amontoados no campo em frente à instalação de mineração.

O veículo brilhante de Garr pousou com cautela diante dos portões da colônia precisamente quinze minutos depois que a última morte zerg foi confirmada. Um destacamento de guardas desceu à frente dele, formando uma barreira defensiva. Outros veículos da Supremacia acompanharam, confiantes de que, se Garr podia desembarcar, eles também podiam.

A maior parte dos conselheiros decidiu aparecer em trajes de negócios, como se fosse uma reunião formal, não uma demonstração de campo numa zona de guerra. Pisando nas pontas dos pés, singraram o mar de corpos, com o cuidado de não encharcar as barras das calças de sangue.

Garr postava-se autoritariamente, vestindo um uniforme engomado cinza, e, ao peito, a insígnia brilhava como um alvo. — Reúnam suas tropas. — Foi tudo o que disse.

As luvas de Loew estavam sujas de sangue zerg até os cotovelos, pois a doutora estivera tentando salvar alguns dos feridos. Muitos Domados haviam morrido, e vê-los caírem aos montes era uma visão terrível.

Ela estava cansada, exaurida, de pé apenas porque vira Garr se aproximando. Para evitar um blecaute no cérebro, a doutora começou a pensar em possíveis aprimoramentos.

Talvez pudesse investir algum tempo repensando a maneira como crescia a blindagem dos Domados; talvez isso tivesse feito a diferença para alguns deles.

— Loew, reúna suas tropas — urrou Garr com sua voz de britadeira.

Após alguns instantes, um estalo a trouxe de volta para o campo de batalha. — O que achou da demonstração? — perguntou rispidamente, sem se importar de verdade com o que ele pensava.

O coronel aspirou a fumaça do charuto.

— Você vai saber quando estiver acabado.

Levou algum tempo, mas a realidade veio à tona: — Você planejou isso, não foi?

— Apenas mande os Domados para lá.

Mesmo dilacerados e esgotados, os Domados se reuniram, ainda prontos para lutar. Estavam posicionados atrás do que restava dos Lobos Perdidos, aguardavam novas ordens. Os Lobos, arqueados em suas armaduras, já não contavam mais com a mesma energia.

Garr lambeu os beiços enquanto observava os portões abertos. A fumaça subia lentamente das casamatas destruídas.

— Avancem. Tomem a instalação. Matem qualquer um que tentar impedir.

— Entendido. — Os dedos de Loew dançaram sobre a superfície engordurada e riscada do console remoto e pararam. Os Domados entraram em estado de alerta. Dennis observava com atenção um ponto fixo à sua frente.

O vento assobiava baixinho, malévolo.

— Ataque agora — disse Garr a Loew, com uma voz que ribombava como uma rachadura se abrindo numa geleira. — E vocês, cretinos, vão dar apoio, senão minha próxima ordem vai ser para que elas comam vocês.

— Pronto! — gritou Loew, inserindo uma sequência de comando sem olhar. Novos alvos, novas prioridades.

As hidraliscas se encolheram e saltaram sobre os Lobos Perdidos, abalroando a gente da Supremacia, os conselheiros e os cientistas que até então haviam protegido.

Braços-foices perfuravam peitos e separavam membros de seus corpos. A seda passada com esmero não oferecia proteção nenhuma, mas nem mesmo armaduras de batalha os salvariam.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Loew. Ela sabia que deveria sentir náusea, mas não sentia. Não deteria seus zergs. Não os deteria por nada. Eles eram seus. Se Garr queria usá-los contra humanos, então era o que teria.

Em frenesi, os Domados atacavam, rasgando os guardas aturdidos de Garr, que imaginaram que o trabalho seria apenas parecerem perigosos enquanto o chefe

perambulava de um lado para o outro. Somente alguns poucos conseguiram fugir em disparada antes que as hidraliscas os estraçalhassem.

Aterrorizado, Garr empalideceu. Ele tateava em busca da pistola, quando algo o atravessou com um estalo. Uma foice o rasgou do ombro direito até o lado esquerdo do quadril, e seu corpo se separou lentamente.

Mesmo determinada a não impedir os zergs, não conseguiria assistir àquilo, e virou-se antes de ver mais sangue derramado. O corpo de Garr bateu contra o solo como um saco de carne.

Subitamente, os Lobos Perdidos ficaram alerta, mas não sabiam o que ou quem atacar. Alguns correram para se proteger quando ouviram o som espástico e inútil de tiros.

Diferente do caos prolongado da batalha anterior, aquele ataque era executado com uma precisão que beirava a cirúrgica. Em menos de trinta segundos, toda a gente da Supremacia estava morta, sem perdas para os Domados.

Os veículos fecharam as escotilhas e tentavam fugir. O que se esperava ser um espetáculo tornou-se uma carnificina com participação da audiência.

Loew permitiu que as naves partissem.

Os Lobos Perdidos assumiram posições defensivas ao redor dos transportes, que se moviam lentamente. Observando os números, Loew sabia que os Domados tinham a vantagem, mas não pressionavam.

Ela tentava interromper o fluxo de lágrimas. Garr era um monstro e merecia o que lhe tinha acontecido. A bem da verdade, não era o único monstro, apenas o mais próximo. Ainda assim, ela era a verdadeira responsável por sua morte, não era? Todos haviam morrido por ordens suas, pelos comandos que digitara.

— O que diabos está acontecendo? — indagou o sargento dos Lobos Perdidos. — Você ainda está...

— Sim, eu estou no controle — respondeu Loew. — Eu dei a ordem de ataque.

Dennis e as outras hidraliscas observavam de prontidão, as faixas amarelas em suas cabeças salpicadas com sangue, que secava sob o calor da manhã. Elas observavam, mas não se moviam.

Loew sorveu as lágrimas mornas: — Eu não podia permitir que eles levassem os Domados. Não se pretendiam usá-los desse jeito.

O ar ecoava com o som de superfícies arranhando a pedra; armas eram apontadas nervosamente, reluzindo à luz do dia.

O monitor emitiu um som. Loew não podia desviar os olhos dos zergs em alerta, prontos para cumprir qualquer ordem sua. Ela não fora capaz de vê-los matar, mas se forçaria a vê-los morrer. Ela lhes devia isso.

— Sinto muito, Dennis. — Enquanto respirava pesadamente, seus dedos percorreram o console. — Hora do Somnus — disse, como uma promessa.

Ela ativou o Somnus com as mãos agitadas, inquietas. Ácido subia-lhe pela garganta diante da perspectiva de atear fogo ao trabalho de sua vida. Em breve. Muito em breve. Eles iam estremecer e morrer.

As hidraliscas continuavam de prontidão, relaxadas. Nada de convulsões, nenhum sinal de perturbação.

Como o monitor continuasse a chilrear, ela finalmente o tomou para ver o que era. Aquele pico no sinal de novo. Desta vez, não era uma breve anomalia. Era um novo padrão, um sistema completamente novo, selvagem e irregular.

O programa de Loew estava fora do ar. Os nodos, todos offline. Impossível. Ela inseriu sequência de diagnóstico. Seu coração palpitou, chocando-se violentamente contra as costelas, prestes a rasgar seu peito e saltar para fora.

— Meu deus... — murmurou. — Eles não estão... Eu não estou...

O instinto de sobrevivência assumiu o controle, atropelando qualquer ideia de devoção ou proteção; não havia espaço para isso em seu coração. Todas as formas com que as criaturas podiam matá-la num piscar de olhos grassaram em sua mente. Exatamente como haviam matado Garr e os outros.

— Atirem neles! Atirem em todos eles! — Loew não reconhecia a própria voz. — Eles estão fora de controle!

— Supressão! Já! — O sargento berrava enquanto apontava o rifle e disparava. Loew quase teve o pé direito decepado ao saltar para se proteger. O pavor impregnava seu coração, engolindo-a inteira.

Não era a decepção que tornava a situação dramática, era não saber por quanto tempo os zergs fingiram estar domados. A doutora se enfiou embaixo do trem de pouso do veículo. Espinhos sibilaram pelo ar e cravaram-se no casco da nave, arruinando-o. Mesmo que ainda decolasse, a exosfera seria uma sentença de morte.

Por quanto tempo? Por quanto tempo eles esperaram?, perguntou-se a doutora. Não sabia. A lembrança de Dennis esperando pacientemente para ser alimentado emergiu. *Aquilo também? Quando? Será que ela os havia controlado em algum momento?*

— Corram! — gritou Loew. — Para a refinaria! — Ela se levantou e disparou sem saber o que estava fazendo, em pânico.

O Lobos eram rapidamente devastados, e o último transporte estava saindo do chão -- ou ao menos tentando. Alertadas pelos motores da nave, as hidraliscas abriram fogo. A seis metros do chão, ela tomou danos pesados e tombou para o lado. As criaturas continuaram o ataque, os silvos de seus disparos abafando os tiros. Centenas de espinhos atingiram o casco. O esforço para decolar era muito grande, e a nave começou a ceder. O bico emborcou e a cabine de controle foi tomada pela fumaça.

Com os motores em potência máxima, a nave caiu por terra, escavando uma trincheira e elevando intensamente a temperatura da área antes de incendiá-la. Nenhum sobrevivente.

Todavia, a explosão servia como cobertura.

Loew correu. Seus pés pesavam, como se atravessasse um pântano. Logo atrás, o volume dos tiros diminuía.

Vinte metros até os portões, talvez menos. Colonos sobreviventes a chamavam para a segurança.

Às suas costas, gritos e o choque de garras contra as pedras. As criaturas se moviam tão rapidamente ao seu lado que ela tinha a sensação de estar parada. Elas saltaram sobre os colonos atônitos à frente, dilacerando-os. Não eram soldados. Não houve dificuldade.

Várias hidras se detiveram diante de Loew e a cercaram. Brandiam suas foices e sibilavam com as bocarras vermelhas escancaradas, encharcadas.

Ela parou de correr e quase caiu.

O saraivada de tiros atrás dela chegou ao fim. Restava o som emitido por carne e ossos. Estava cercada. Sua respiração chiava, pesada.

Os zergs pararam. As garras estavam baixadas, algumas ainda úmidas. Os olhos da doutora dardejaram em volta, mas ela não se mexeu. Não moveu a cabeça. Apenas prendeu a respiração, petrificada.

Todos zergs se afastaram ao mesmo tempo, saltando ou deslizando para longe. Loew respirou outra vez. Não havia explicação. Talvez o cumprimento da última ordem tivesse sido o bastante. Talvez ela tivesse deixado alguma marca neles.

De qualquer forma, ela estava a salvo. Livre. Os zergs haviam partido. Loew se permitiu dar um passo na direção dos portões da refinaria. Talvez houvesse alguma maneira de chamar ajuda.

Mas era impossível se esquecer da língua da hidralisca agitando-se em sua mão, puxando com raiva. Desejou desesperadamente arrancar a mão para livrar-se dela. O asco revirou seu estômago como um ninho de serpentes eclodindo. A mão ainda estava úmida, e a sensação nauseabunda parecia se recusar a ir embora, a abandoná-la.

O som de pedras esmagadas logo atrás a arrancou de seus pensamentos. Ela sabia de onde vinha sem olhar. Era uma hidralisca, comprimindo as placas abdominais contra o chão.

Ela virou a cabeça lentamente.

A luz do sol reluziu na placa de metal que cobria o crânio de Dennis. Só podia ser ele. Ele a observava com expectativa, como se ela fosse atirar um saco de carne a qualquer instante se ele fosse um bom garoto.

A hidralisca emitiu um silvo, mas desta vez impaciente.

— Dennis? — Loew não podia acreditar. Se bem que ele tinha sido sua primeira e mais bem-sucedida cobaia. Ele seria o mais leal. Seria o último a se livrar do controle que ela exercia.

Ela olhou para os portões da colônia em frangalhos e para ele novamente. Dennis estava rosado à luz da manhã, relaxado mas alerta.

Loewy lentamente deu um passo em sua direção. Talvez ela pudesse reconstruir o projeto. Aquilo não passara de um contratempo. Desta vez, a Supremacia não poderia interferir. O OPP vivia nele. Ela poderia usar o que aprendeu e varrer a ameaça zerg. Ela poderia...

Dennis estreitou os olhos e ergueu os braços. Não havia motivo para pressa. Ela era frágil e indefesa.

— Não — sussurrou ela. — Não, não, não. Você não. Você *não*.

Ela disparou, mas não era rápida o bastante para escapar dele.

* * * * *

A Rainha das Lâminas se concentrou, tentando alcançar de Char as percepções de seus filhos em Thys. Concentrando-se ainda mais, ela sentiu o gosto da caçada, correndo com a hidralisca.

Kerrigan podia sentir o vento morno e vazio, sentir o cheiro do sangue dos caídos, o gosto da agonia e do medo da mulher idiota que, sozinha, tentara roubar o que era seu, e somente seu.

Ainda assim, a mulher lhe fizera um grande favor. Trocar vários soldados rasos por quantos cérebros da Supremacia? Peões por bispos, torres e até uma pretensa rainha? O único pesar era não poder ver o rosto de Mengsk quando ele soubesse.

A Rainha das Lâminas inebriou-se com o perfume que o pavor da mulher exalava, a um ou dois passos daquele que antes fora seu bichinho. Decidiu deixar a falsa rainha correr um pouco mais.

Mas só um pouco.